

FARO & LINO, EDITORES DE ALUÍSIO AZEVEDO

Cleyciara GARCIA-CAMELLO*

■ **RESUMO:** Considerando que o papel do editor impacta na construção dos sentidos e das funcionalidades dos textos literários, o objetivo deste artigo é conhecer, a partir de indícios recolhidos na imprensa periódica contemporânea, a trajetória dos livreiros portugueses Faro & Lino, editores do romance *Casa de pensão* (1884), de Aluísio Azevedo. No processo de divulgação e recepção da obra vem à tona uma disputa de sentidos atribuídos a ela, se era uma simples narrativa de crime ou um sério e moralizador romance naturalista, assim como revela os formatos que assumiu em suas aparições e os recursos gráficos (como as ilustrações) utilizados na sua produção e divulgação. Abordaremos os ofícios do editor e como a Faro & Lino promoveram, divulgaram e difundiram seu acervo, a fim de mostrar a sua importância no processo de fomento e de consolidação de um mercado livreiro no Rio de Janeiro oitocentista. Os negociantes eram entusiastas das novidades tecnológicas e sua linha editorial voltava-se para a publicação de livros científicos e literários. Isso nos permite inferir a receptividade da empresa às obras de Aluísio Azevedo e do naturalismo.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Faro & Lino. Editores. Mercado livreiro. Naturalismo. Aluísio Azevedo.

Introdução

Dominique Maingueneau (2006, p. 90-91) situa o editor como um dos mediadores da rede de aparelhos que constitui o discurso literário em razão de suas tomadas de decisões, projetos e posicionamentos. Esse profissional tem papel essencial na vida dos livros visto que as suas ações impactam nos modos como os textos são produzidos, distribuídos, recebidos e lidos pelo público. Neste sentido, este artigo busca investigar, partindo da perspectiva da “História cultural do livro e das práticas de leitura”, desenvolvida por Robert Darnton (2008) e Roger Chartier

* Bolsista CNPq. Doutoranda em Literatura Brasileira – Estudos Interdisciplinares. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Vernáculas – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. cleyciaracamello@gmail.com.

(1988; 1994), o modo como os livreiro-editores¹ Faro & Lino contribuíram para a produção e circulação de impressos na sociedade brasileira do final do século XIX, dentre eles obras do naturalismo literário, como *Casa de pensão* (1884) de Aluísio Azevedo (1857-1913). Discorreremos acerca dos ofícios do editor e apresentaremos a trajetória de Faro & Lino e da Livraria Contemporânea (ambas de propriedade dos mencionados profissionais), com a finalidade de demonstrar sua colaboração no processo de fomento e de consolidação de um mercado livreiro na capital do Império, Rio de Janeiro.

Há tempos, diversos estudiosos têm se voltado a investigar a figura do editor a fim de provar a sua importância na construção do sentido de um texto. Para Dominique Maingueneau (2008), o silenciamento desse profissional se dá especialmente no discurso literário, dado que ele comporta o processo de apagamento de sua cadeia artística e produtiva devido às condições de produção deste tipo de discurso, o qual seria constituído como uma obra produzida por um único sujeito no mundo – o autor, dentro de uma visão romântica de autoria.

Isso ocorre também, de acordo com o referido estudioso, em virtude de o livro impresso ser o suporte de inscrição ideal para a circulação do literário, cuja unidade reflete a autoridade de um autor único e possibilita que o registro dos processos editoriais não seja conservado no produto final, quando o objeto livro entra em circulação para o público no mundo, ainda que estejam formalmente registradas no próprio livro informações sobre esse processo, bem como alguns de seus agentes. Fenômeno oposto ocorre, de acordo com Aníbal Bragança (2005, p. 222), na produção de “enciclopédias, dicionários, atlas geográficos, almanaques, coletâneas de textos, antologias literárias etc. que não por acaso recebem no título, muitas vezes, o nome dos editores, como se fossem autores”.

Jean-Yves Mollier (2022, p. 119), ao abordar a relevância de se perscrutar os diferentes tipos de relações entre o autor e o editor de uma obra, observa que “enquanto um filme expõe, claramente, ao término de sua projeção, o nome de todos aqueles que participaram, com maior ou menor envolvimento, de sua realização, um romance ou um ensaio, de modo geral, só apresentam na capa do volume um patronímico”, portanto, conclui o pesquisador, “é menos fácil de ser reconhecido” quando se é editor e/ou outro agente da cadeia produtiva “de uma obra de ficção” (idem).

Já Roger Chartier (2014, p. 38) afirma que a figura do editor ganha papel central na produção de um impresso após a invenção de Gutenberg, com a reprodução mecânica de textos. Todavia, para o historiador, os “livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultado de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”. Isso inclui as operações realizadas

¹ No período estudado, as funções do livreiro e do editor aglutinavam-se, daí a ocorrência do termo composto nos documentos da época.

por outros profissionais partícipes da cadeia produtiva de um livro, como o tipógrafo, o vendedor de livros etc.

Por fim, Antony Glinoe (2022) esclarece que a função editorial se estabilizou no século XIX, momento em que a figura do editor adquiriu um poder social único e incomparável. Desde então, esse profissional passou a dividir com o autor a responsabilidade moral, judicial e social sobre a obra, assumindo também a responsabilidade econômica, financeira e administrativa.

No Brasil pós-1870, de acordo com Alessandra El Far (2004), houve grandes mudanças no mercado de livros, o que provocou o aumento significativo do número de impressos e de negócios em torno das publicações, especialmente na capital do Império. Até então, a maior parte dos livros que circulavam no país eram impressos na Europa, principalmente em Paris. Com o avanço da industrialização, novas técnicas de produção foram desenvolvidas, promovendo o barateamento e a popularização do livro. Por conseguinte, dinamizaram-se e se aperfeiçoaram as práticas de distribuição, de divulgação (estratégias editoriais inovadoras mobilizadas por editores e livreiros) e de vendas de impressos.

O contexto político, econômico e financeiro vivido no Rio de Janeiro nos primeiros anos da década de 1880 impulsionou às transformações que ocorriam no mercado de livros. Isso possibilitou a multiplicação do número de livreiro-editores no ramo, acontecimento que naturalmente estimulava a concorrência pela lógica da oferta. Esse cenário exigia aptidão do livreiro-editor para atender às variadas demandas do mercado, de acordo com o gosto dos diferentes públicos do espaço urbano.

Alessandra El Far (2004, p. 32) destaca a intensa procura por livros escolares, literatura erótica, religiosa, sensacionalista e de outros gêneros, que impulsionou o crescimento do mercado. A pesquisadora esclarece que foi assim que o número de livrarias aumentou em curto espaço de tempo. Entre 1870 a 1880, trinta lojas em média vendiam livros na capital do Império; já entre 1885 e 1890, esse número subiu para cinquenta, voltando a registrar queda em 1895. Grande parte das falências ocorreu em razão das reformas monetárias impostas pelo governo republicano, episódio histórico conhecido como a Crise do Encilhamento.

As pesquisas de Alessandra El Far (2004, p. 12-13) revelam que o número de pessoas alfabetizadas na cidade aumentava por conta do já mencionado favorável contexto pelo qual passava o país. Enquanto o restante do território chegava a registrar uma taxa de analfabetos de 80% do total da população, a capital do Império contava com quase metade da sua população alfabetizada. De acordo com o censo de 1890, a população da sede era de 522 mil habitantes, sendo 270 mil capazes de ler e escrever. Esse cenário concorria para o crescimento do mercado livreiro e editorial, possibilitando o êxito de vendas de mais de uma tiragem padrão por edição de uma mesma obra (constituída geralmente de mil exemplares).

Ainda segundo a autora, no intuito de suprir a demanda cada vez maior do diversificado público leitor da capital do Império, também visando agarrar a oportunidade de negócio trazida com a expansão do mercado livreiro, profissionais brasileiros, portugueses e franceses (bem como oriundos de outras nações) lançaram-se ao ofício de livreiro-editor, aceitando e enfrentando os desafios financeiros e comerciais implicados num momento em que o ramo, de acordo com Lucia Granja (2013), era dominado pelos proeminentes B. L. Garnier e os irmãos Laemmert.

Os proprietários da Faro & Lino fazem parte do grupo de empresários que dispunham de menos capital simbólico se comparados aos grandes livreiros da época. A empresa da dupla não conseguiu se firmar no segmento de livros por longo tempo. Isso explica, em parte, a inexistência de fortuna crítica consistente sobre eles e a nossa motivação para investigar a contribuição desses profissionais para a consolidação do mercado livreiro no país, visto que eles fizeram parte desse processo e são tão importantes quanto os celebrados Garnier e os irmãos Laemmert.

Ao longo dos seis anos de vida da editora Faro & Lino e da Livraria Contemporânea, a atuação desses livreiros-editores no ramo colaborou para a produção, difusão e circulação de impressos estrangeiros e nacionais na sociedade de então. Eles contavam com grande número de livros científicos no seu catálogo. Isso nos possibilita inferir que a casa editorial era receptiva às obras de escritores naturalistas. Os títulos próprios e de outros editores ligados à ciência certamente ajudavam a criar um ambiente em que os livros naturalistas, como os de Aluísio Azevedo, eram entendidos como relevantes e comercialmente viáveis. Para Leonardo Mendes (2016), o fato de essas obras terem sido julgadas como imorais pelos leitores não especialistas (expressão empregada para demarcar leituras alternativas às do crítico literário), pelos livreiros e por alguns homens de letras, à época, é a principal explicação para seu sucesso comercial.

Para divulgar *Casa de pensão*, o escritor e ilustrador Raul Pompeia (1863-1895), amigo do autor maranhense, produziu uma capa audaciosa, a qual transmite novas camadas de sentido ao texto que não tem a ver com a escola literária naturalista, indicando-o e qualificando-o como popular e sexual. A ilustração (ver figura 2 dos anexos) traz uma mulher nua com os pés calçados com salto alto feminino, inclinada diagonalmente na página. O autor da obra, retratado no canto abaixo direito, tem sua imagem e sua obra associadas ao “pornográfico”, dando a entender que o leitor encontraria nas páginas do livro grandes imoralidades e escândalos. A ilustração e o texto criavam juntos os sentidos da obra.

A casa editorial Faro & Lino e a sua Livraria Contemporânea

Os estudos sobre o funcionamento do universo editorial e livreiro do final do século XIX no Brasil, bem como sobre as funções desempenhadas pelo editor, em

consonância com as fontes primárias sobre o tema, permitem confirmar o proposto pelos teóricos supramencionados no tópico anterior, que os livreiro-editores atuavam como mediadores entre o escritor e o público leitor, uma vez que desenvolviam as funções de agentes intelectuais e de negociantes.

De acordo com Aníbal Bragança (2002, p. 64), à época, os ofícios do livreiro-editor caracterizam-se pela produção e venda de impressos. Atividades que, como quaisquer outros negócios, segundo Jean-Yves Mollier (2010, p. 338), visavam ao lucro e à obtenção do poder financeiro. Além disso, para Aníbal Bragança (2001, p. 76), os ofícios do referido profissional também serviam ao “eros pedagógico, educar e transformar”.

Assim, as atuações mais evidentes desses profissionais eram a produção de impressos (sem a qual as obras dos escritores não viriam à luz, ao mundo) e a comercialização destes (saídas das prensas, essas obras não chegariam aos leitores se não fossem devidamente difundidas e vendidas). Era esse profissional que decidia o que seria publicado, pensando no público-alvo e como o livro seria feito. Ademais, era ele que arcava com os riscos intrínsecos das indeterminações comerciais e financeiras de suas decisões.

Anthony Glincoer (2022, p. 51) é mais específico ao abordar as funções desse profissional, destaca-o como um selecionador de livros de acordo com as suas especialidades e sua posição no campo editorial; o trabalho sobre o texto em si; a fabricação do livro (preparação do manuscrito, escolha do formato, das ilustrações, da capa etc.); e a comercialização, cuja publicidade deve gerenciar as relações com as mídias e a venda, de forma pragmática.

Sobre a edição especificamente, Roger Chartier (2014, p. 268) chama à atenção para o fato de tratar-se menos da procura do texto ideal e mais da preferência dada a um ou outro de seus estados, ou seja, as escolhas feitas para sua apresentação, a exemplos de assuntos, divisões, pontuação, formas de escrita e grafia. Aspectos que, cumpre reiterar, não são decididos pelo autor da obra. Além disso, ao agirem diretamente na promoção, divulgação e distribuição de impressos, os editores mobilizam um conjunto de ações que necessariamente envolve diversos campos do conhecimento.

Em razão dos fatores mencionados esses profissionais, na visão de Roger Chartier (2014, p. 266), tornaram-se cada vez mais centrais na materialidade de um impresso, bem como no que diz respeito à autoria e à leitura. Também eram eles que precisavam lidar com as questões referentes à censura e aos direitos autorais de impressos, assim como com as tipografias, com a indústria gráfica originária de ideias liberais e com a crescente urbanização e industrialização que promoveram inovações mecânicas e técnicas na imprensa e no campo editorial. Todos esses aspectos são relevantes porque alteraram as ideias, os saberes, as relações de poder e a sociabilidade num contexto de modernização dos meios de transporte internacional que, segundo Aníbal Bragança (2005, p. 231), foi crucial

para potencializar as formas de comunicação, de comércio e de circulação de bens materiais e culturais.

A partir das fontes do período estudado, observa-se que os impressos eram divulgados, promovidos e difundidos pelos livreiro-editores, principalmente, por meio de: anúncios regulares em periódicos; participação em eventos públicos voltados para o segmento de livros; encartes anexados aos livros, os quais traziam listas de suas publicações; distribuição de catálogos (brochuras que apresentavam o acervo parcial ou integral de estabelecimentos profissionais de comercialização livreira) e de exemplares de obras para apreciação da imprensa. Esse conjunto de atividades era gerenciado pelos próprios livreiro-editores com fins de incrementar o alcance dos livros junto ao público, com conseqüente aumento de vendas.

Os sobrenomes que compõem a firma Faro & Lino dizem respeito aos seus proprietários, ambos portugueses. O primeiro se refere ao Sr. Luiz de Faro Oliveira, secretário do Liceu Literário Português da capital do Império (instituição que oferecia aulas escolares pagas durante o dia e aulas noturnas gratuitas), já o segundo, ao seu sócio, Dr. Thomaz Lino D'Assumpção, antigo diretor do periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Eles fundaram a casa editorial e a Livraria Contemporânea em 1881², com endereço comercial na Rua Gonçalves Dias, 49 (capital do Império). A empresa da dupla dispunha de uma agência em Paris, localizada no número 88 da Boulevard Saint Martin, cuja direção ficava sob a responsabilidade de Lino³. Eles também eram agentes da *Gazeta literária*, suplemento fundado em 1883 para auxiliar na difusão dos seus títulos literários⁴.

A Livraria Contemporânea transferiu-se em 1882 para o número 74 da concorrida Rua do Ouvidor, endereço vizinho à livraria de Baptiste-Louis Garnier (Rua do Ouvidor, 73)⁵, o mais famoso livreiro da época, que dominou o comércio de impressos a partir da segunda metade do século XIX (GRANJA, 2016) e estabilizou-se como o maior editor da ficção brasileira. Com frequência, os periódicos destacavam a relevância cultural da Rua do Ouvidor, citando os estabelecimentos que ali surgiam e os que desapareciam, condições que denotavam sucesso ou fracasso do negócio⁶.

² A “Livraria Contemporânea” inicia suas atividades em 1881, mas só passa a figurar na lista de livrarias da capital do Império em 1882, conforme o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e da província do Rio de Janeiro*. (H. Laemmert & C., *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial*, Rio de Janeiro, edição 39, p. 409. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 25/10/21).

³ *A Folha Nova*, RJ, edição 1, 23/11/1882, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/09/22.

⁴ *A semana*, RJ, edição 4, 24/01/1885, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 10/05/21.

⁵ *A Folha Nova*, RJ, edição 600, 16/07/1884, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/10/22.

⁶ *Lucros e Perdas*, RJ, edição 4, p. 56, setembro-1883. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/09/21.

Quando a Livraria Contemporânea mudou-se para a mais ilustre rua da cidade do Rio de Janeiro, diversos articulistas deram conta da novidade nos jornais.

No intuito de conquistar espaço e consolidar seu empreendimento no mercado livreiro do período, os livreiro-editores Faro e Lino tentavam projetar a imagem de que a sua casa editorial e sua livraria faziam parte da cena cultural da época, sendo a última frequentada pelos homens de letras mais proeminentes do momento:

Quem das duas horas para as três da tarde entrar na livraria de Faro & Lino na Rua do Ouvidor do Rio de Janeiro, achar-se-á numa roda de homens de talento, empenhados em viva discussão. E não é para menos, pois, ali, e aquela hora é que se reúnem muitos dos notáveis escritores brasileiros, que saboreando o moca brasileiro, trocam os seus pensamentos. Lá está o Ferreira de Araújo, o corpulento e tão talentoso redator principal da Gazeta de Notícias, Dermeval da Fonseca, seu companheiro fiel, Valentim Magalhães, o crítico desapiedado, André Rebouças, o pensador profundo e excelente engenheiro, Joaquim Serra, o fino e espirituoso folhetinista, Machado de Assis, o poeta mavioso e hábil, e muitos outros⁷.

Os editores se empenharam em expandir seus negócios para outras cidades do Brasil. Para isso, contratavam correspondentes nessas localidades, conforme mostra a nota publicada no periódico *Espírito Santense*, de Vitória (ES). A nota também destaca as especialidades da casa editorial:

Nesta cidade, a fim de estabelecer um depósito de livros de línguas, literatura, ciências e artes, os Srs. Faro & Lino, acreditados livreiros da corte, no intuito de vulgarizar diversas obras incumbirão aos Srs. M. Rouback & Freres, de serem correspondentes nesta cidade [...] também ficam os mesmos incumbidos das assinaturas de jornais tanto estrangeiros como do país⁸.

Para promover e difundir seu catálogo, Faro & Lino anunciavam regularmente em jornais de diversas localidades do país, apresentando suas últimas novidades. Com frequência se faziam presentes em eventos públicos de divulgação de impressos (a exemplo das exposições), conforme informa o periódico *A sentinela*: “Ecos da corte – continua a ser frequentada por muitos visitantes a exposição Pedagógica [...] A casa Faro & Lino faz uma bela exposição de objetos pedagógicos

⁷ *A União*, Joinville (SC), edição 31, 03/12/1884, p. 124. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/09/21.

⁸ *Espírito Santense*, Vitória (ES), edição 74, 16/09/1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 15/10/21.

assim como a casa Guillard Aillaud & Comp.”⁹. Em outra ocasião, *A Folha Nova* destaca a presença dos livreiro-editores em uma Exposição Científica e Literária que ocorreria “em breve”¹⁰.

A Faro & Lino recebeu diversas condecorações pelos serviços prestados à educação. Dentre elas, a Medalha do Progresso por exposição de livros na sessão das Artes Gráficas, conferida pelo júri da Exposição Científica e Literária do Rio de Janeiro¹¹. A editora fornecia revistas científicas e jornais à Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro¹². Como se nota, a casa tinha forte interesse por impressos dedicados à ciência e à literatura.

Alessandra El Far (2004, p. 30) afirma que a Livraria Contemporânea de Faro e Lino dedicava-se à venda de filosofia e de ciências positivas, o que corrobora com nossas hipóteses. Todavia, as fontes revelam que o acervo era mais amplo que o apontado pela autora, contemplando também impressos artísticos, literários e industriais, com ênfase em tratados acadêmicos e apostilas colegiais. Dentre os de literatura, os livreiro-editores publicaram o livro de poesias *As sinfonias* (1883), de autoria do parnasiano Raimundo Correa (1859-1911)¹³ e o romance *As aventuras de um pretendente pretendido* (1883), do português Alberto Pimentel (1849-1925)¹⁴. Deste, foi lançado ainda pela casa editorial o ensaio de história *A jornada dos séculos* (1884). A Faro & Lino também publicou *Sessenta anos de jornalismo*¹⁵, de Ignutus (pseudônimo de Joaquim Serra) (1838-1888)¹⁶ e *Leituras de verão*, do escritor português Ricardo Augusto Pereira Guimarães (1830- 1889), conhecido pelo título Visconde de Benalcanfor¹⁷, obra que reúne crônicas de suas viagens ao Oriente.

⁹ *A sentinela – órgão liberal*, RJ, edição 26, 30/08/1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/10/21.

¹⁰ *A Folha Nova*, RJ, edição 545, 22/05/1884, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 10/11/22.

¹¹ *Distração: Semanário Satírico e Humorista*, RJ, edição 8, 27/11/1884, p. 44. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 27/10/21.

¹² *Jornal da noite*, RJ, edição 3, 25/11/1881, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 17/03/21.

¹³ *A Folha Nova*, RJ, edição 84, 15/02/1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/10/22.

¹⁴ *A Folha Nova*, RJ, edição 81, 12/02/1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/10/22.

¹⁵ A 2ª edição da obra, publicada pela casa editorial Faro & Lino em 1883, pode ser acessada em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5246>.

¹⁶ *Pacotilha*, MA, edição 126, 12/05/1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 15/10/22.

¹⁷ *A estação*, RJ, edição 4, 29/02/1884, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/05/21.

Dentre os materiais estrangeiros, o catálogo da Faro & Lino oferecia os romances de Georges Ohnet (1848-1918), escritor francês muito popular no Brasil à época, com livros como *Sérgio Panine* (1881) e sua obra-prima *O grande industrial* (1882). No rol das obras médicas, científicas e filosóficas, o leitor poderia encontrar o *Estudo dos aneurismas da artéria hepática; Educação intelectual, moral e física* de Herbert Spencer, e *Arithmétique politique textes rares ou inédits* (1767- 1789) de Nicolas de Condorcet.

Os sócios editavam almanaques, enciclopédias, dicionários, gramáticas, antologias, manuscritos e mapas, oferecendo “todas as novidades científicas, artísticas, literárias e industriais”¹⁸. Apresentavam-se na imprensa como agentes das principais livrarias da Europa e de proeminentes editores portugueses e franceses, também recebiam pedidos de encomendas de jornais e revistas estrangeiras, tais como *Jornal do domingo*, *Europa pitoresca*, *O ocidente*, *Jornal de viagens*, *Volta ao mundo*, *Antonio Maria*, *La nature*, *Tour du monde*, dentre outros¹⁹. Aceitavam encomendas de livros oriundos de quaisquer partes do mundo, bem como de romances em português, francês, espanhol e italiano, dispendo para tanto de correspondentes nas principais cidades da Europa. A Faro & Lino disponibilizava edições de luxo, cartonadas e douradas, para leitores mais exigentes e de mais posses²⁰. Eles investiram, ainda, na produção ilustrada de um pequeno periódico infantil intitulado *Jornal das crianças*²¹.

Uma das práticas publicitárias mobilizadas no período era o envio (da parte de livreiro-editores) de exemplares de suas publicações mais recentes para a apreciação da imprensa, como já assinalado. Este tipo de reclame, que aparece repetidamente nas fontes, era uma dinâmica bastante similar ao que se observa hoje nas redes sociais da internet (os chamados “recebidos”), que consiste no envio, da parte de marcas, lojas e revendedores, de materiais para influenciadores digitais com fins de divulgação e promoção. Tal prática publicitária incansavelmente utilizada hoje é um desdobramento moderno do que já ocorria no final do século XIX.

Para ilustração de nossas afirmações, a Faro & Lino distribuiu na imprensa diversos exemplares de *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo, como se observa em: “**Recebemos:** dos Srs. Faro & Nunes²² – A Casa de Pensão, romance original

¹⁸ *Gazeta de notícias*, RJ, edição 3, p.73. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 03/03/21.

¹⁹ *Gazeta de Itapemirim*: órgão imparcial, ES, edição 1, p. 4, 28/05/1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 30/04/21.

²⁰ *Novidades*, RJ, edição 61, 26/03/1887, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/09/21.

²¹ *Folha Nova*, RJ, edição 62, 23/01/1883, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 22/09/22.

²² Como veremos adiante, a partir de 1885, o Sr. Faro contará com novo sócio no ramo, o Sr. Nunes.

brasileiro de Aluísio Azevedo, em 3ª edição²³; O exemplo que segue também celebra o êxito de vendas da obra nacional, que chegava a sua 3ª edição no espaço de um ano:

Foi-nos oferecido pelos editores, os Srs. Faro e Nunes, um exemplar de Casa de Pensão de Aluísio Azevedo. Já muito se tem dito do mérito do romance e do incontestável talento do autor. Essa 3ª edição é a prova concludente do valor da obra. Fato raro entre nós e que deve dar grande animação ao jovem escritor²⁴.

Já o exemplo a seguir destaca a utilidade da obra acadêmica *Lições de anatomia e fisiologia dos centros nervosos*, do Prof. Dr. Fort, da Escola de Medicina, editada pela casa Faro & Lino:

Os editores Faro & Lino são infatigáveis. Amam o trabalho e os cometimentos com um ardor Yankee. A sua livraria é um Niágara de publicações e, é preciso que digamos conscientemente, de publicações úteis. Editaram ultimamente as lições de anatomia e fisiologia do professor Fort. O fascículo, que temos à vista, é de 100 páginas de exposição clara, demais disso secundada por figuras intercaladas no texto. Agradecemos o exemplar, que **nos enviaram**, e esperamos que a nossa gratidão será simplesmente um grão de areia comparada a dos estudantes de medicina, a quem os Srs. Faro & Lino prestaram tal serviço²⁵.

Em consonância com os esforços publicitários e comerciais de seus editores para divulgar *Casa de pensão*, o próprio Aluísio Azevedo enviou exemplares de seu romance para os periódicos, como revela a nota:

Aluísio Azevedo apareceu-nos hoje. Não em corpo e alma. Mas em essência literária representada em um volume de 360 páginas. Estamos a ler sofregamente a sua Casa de Pensão que **recebemos** do autor e que agradecemos com efusão do conhecimento²⁶.

²³ *A Semana*, RJ, edição 3, 17/01/1885, p. 10, *grifo nosso*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 07/10/21.

²⁴ *O Paiz*, edição 45, RJ, 15/02/1885, p. 2, *grifo nosso*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 30/09/21.

²⁵ *Folha Nova*, RJ, edição 249, 30/07/1883, p. 3, *grifo nosso*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 30/11/21.

²⁶ *Pacotilha*, São Luís – MA, edição 145, 01/06/1884, p. 3, *grifo nosso*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 02/10/21.

O último exemplo, de mesmo teor que os anteriores, busca demarcar o seguimento editorial: “Pelos Srs. Faro & Lino **foi-nos oferecido** o Almanaque Brasileiro, redigido pelo incansável e ilustre Sr. Dr. Antonio Manoel dos Reis, que tantos serviços têm prestado às letras pátrias na publicação de obras de mérito literário e científico”²⁷.

Outra tática publicitária corriqueiramente utilizada por Faro e Lino era divulgar na imprensa a exposição de materiais, fotografias, quadros e outros objetos com o intuito de atrair pela curiosidade suscitada potenciais compradores para sua livraria (cabe citar que, em muitas vezes, esses materiais nada tinham a ver com o mundo dos livros). A título de exemplificações: “Acha-se exposta na casa dos Srs. Faro & Lino, na rua do Ouvidor, uma raiz de mandioca que pesa 64 quilos. Veio da fazenda de Carangola, em Campos”²⁸; “Estiveram expostas até ontem, na vitrine dos Srs. Faro & Lino, duas estatuetas devidas ao cinzel, quer dizer, ao canivete do talentoso Raul Pompeia”²⁹; “Acha-se exposta na casa dos Srs. Faro & Lino uma fotografia de um novo quadro de Firmino Monteiro”³⁰; “Já vão bastante adiantadas as obras do novo edifício do Gabinete Português de Leitura, e na conhecida livraria dos Srs. Faro & Lino está exposta uma fotografia da fachada principal, que deixa esperar que será aquele o mais monumental edifício da cidade”³¹. A referida estratégia não era bem vista pela imprensa, visto que a livraria Contemporânea passou a ser “mal comparada com botica. Onde há de tudo”³².

Como já assinalado, *Casa de pensão* se inscreve entre as obras literárias editadas por Faro & Lino. A história do estudante assassinado na capital do Império teve sua publicação iniciada primeiramente em folhetins na *Folha Nova*³³, ocorrendo entre 05 de março e 22 de maio de 1883, data em que foi lançado o capítulo XII. A continuidade da história chegou aos leitores sob a forma de fascículos avulsos, mas não chegou a concluir a narrativa. É desconhecida a causa da interrupção da

²⁷ *O espírito santense*, ES, edição 77, 26/09/1883, p. 1, *grifo nosso*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 25/04/21.

²⁸ *A Folha Nova*, RJ, edição 611, 27/07/1884, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 19/10/22.

²⁹ *A Folha Nova*, RJ, edição 87, 18/02/1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 06/10/22.

³⁰ *A Folha Nova*, RJ, edição 179, 21/05/1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 01/10/22.

³¹ *A Folha Nova*, RJ, edição 182, 24/05/1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 01/10/22.

³² *Folha Nova*, RJ, edição 299, 18/09/1883, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 11/11/21.

³³ Periódico de propriedade do Sr. Manoel Eustáquio de Oliveira e do Sr. Manuel Carneiro. Este desempenhava a função de redator-chefe da folha. (*Gazeta da tarde*, RJ, edição 36, 16/02/1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 16/10/22).

história em fatias diárias. O público só teve acesso à obra completa com a edição em livro publicada pela Faro & Lino, em maio de 1884. São eles os responsáveis por tornar o romance completo publicamente conhecido.

A versão em fascículos de *Casa de pensão* contou com cinco ilustrações do artista Aurélio de Figueiredo, além do trabalho do editor da obra, Filinto da Silva, cuja ambição era “banir do mercado as traduções que inundavam as livrarias brasileiras”³⁴ e substituí-las por obras em que o autor e o livro fossem genuinamente nacionais. Embora a afirmativa de Filinto da Silva soe audaz (dentro de uma perspectiva mercadológica do lucro), ela estava em consonância com o desejo de boa parte de editores da época, dispostos a investir nas letras pátrias para fomentar e consolidar um mercado livreiro realmente brasileiro. Contudo, segundo Mérian (2013, p. 239), a empreitada se mostrava de difícil execução porque as traduções estrangeiras tinham a preferência do público e êxito de vendas, ao contrário dos romances brasileiros. Essa realidade exigia grande esforço publicitário e comercial da parte de livreiro-editores de obras nacionais.

De acordo com as fontes, em 1884 surgiram três edições em livro de *Casa de pensão*, sendo a primeira a já citada edição da Faro & Lino, a segunda pela Tipografia Militar de Santos & Cia. e a terceira, denominada “edição popular”, novamente pela Faro & Lino (indicando sucesso de público e venda). De acordo com Alessandra El Far (2004), o termo “popular” se aplicava a volumes mais baratos, menores, com pouco ou nenhum luxo, em muitos casos, ilustrados com várias estampas. Essas edições eram vendidas a preços reduzidos, visando alcançar o bolso do proletariado urbano. Isso tornava a obra ainda mais conhecida. Essa era uma escolha, cumpre frisar, dos editores para aproximar a obra de leitores menos letrados. A 3ª edição de *Casa de pensão* contém quatro ilustrações distribuídas ao longo do texto (ver figura 1 dos anexos), sinalizando que o livro era para ser visto, não só lido.

Nas consultas às fontes, não localizamos exemplares da primeira nem da segunda edição de *Casa de pensão*. No entanto, os jornais da época deram conta do lançamento do romance no formato em livro a partir de 18 de maio de 1884, também da edição subsequente, publicada pela Tipografia Militar de Santos & Cia. no mesmo ano, e da terceira, no início de 1885³⁵.

A história de *Casa de pensão* guarda muitas semelhanças com um caso de crime ocorrido no Rio de Janeiro anos antes da publicação do livro de Aluísio Azevedo. Nomeado pela imprensa como “Questão Capistrano”³⁶, o caso teve grande

³⁴ *Gazeta de Notícias*, edição 171, 20/06/1883, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/09/21.

³⁵ *Gazeta Literária*, Rio de Janeiro (RJ), edição 16, ano 1884, p. 327. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 11/04/21.

³⁶ Em 1876, o estudante João Capistrano da Cunha foi acusado de ter violentado sexualmente uma

repercussão na sociedade e provocou debates acalorados entre críticos favoráveis e desfavoráveis ao romance de Azevedo, sobretudo por causa de suas semelhanças com o crime mencionado. Esses enfrentamentos promoviam e colocavam a obra, o seu autor e o naturalismo no centro das atenções. Contudo, esse impacto não seria possível sem os primeiros esforços publicitários e comerciais iniciados por Faro & Lino, que Aluísio Azevedo e seu grupo de apoiadores deram continuidade na imprensa³⁷. Em razão disso, entendemos que todos eles participaram desse processo, visto que interferiram conjuntamente na recepção do romance.

Neste sentido, é preciso reconhecer que o primeiro movimento publicitário partiu dos editores Faro e Lino, que, ao enviarem diversos exemplares de *Casa de pensão* para a apreciação da imprensa, promoveram e divulgaram a obra. Após leitura pelos articulistas de periódicos, surgiam nas folhas diárias resenhas críticas a respeito do romance dia após dia, despertando o interesse do público leitor e dos demais críticos. Por sua vez, o escritor maranhense (com o apoio de seus colaboradores) aproveitava-se da ocasião para dirigir, na imprensa, a acolhida pela crítica do livro em lançamento. Os estudos recentes de Jean-Yves Mérian (2013), de Lucas Lamônica (2015) e de Cleyciara Garcia-Camello (2018), comprovados com fontes, revelam que Aluísio Azevedo tinha o hábito de lançar mão de tal procedimento para as suas publicações literárias.

No caso específico de *Casa de pensão*, Azevedo e seu grupo buscaram, num primeiro momento, desvincular a obra de outras duas histórias de crimes do autor: *Memórias de um condenado* (1882) e *Mistérios da Tijuca* (1883-1884), folhetins lançados anteriormente àquele. O estratagema era necessário dado que os três romances poderiam facilmente ser recepcionados pelos leitores como pertencentes ao mesmo gênero, ou seja, como narrativas de crime. Em momento posterior, o esforço do grupo se concentrou em propagandear a ideia de que *Casa de Pensão* era o primeiro título literário nacional escrito inteiramente de acordo com os preceitos naturalistas da cartilha de Zola.

Quando lemos as resenhas críticas desfavoráveis à obra que circularam à época, entendemos a preocupação do autor e de seu grupo em proteger a reputação de *Casa de Pensão*. Os detratores do romance não o consideravam literário por trazer muitas semelhanças com a “Questão Capistrano”. Para eles, a história de Amâncio tratava-

moça, Júlia Pereira. Ele foi detido pelo crime. Após julgamento, foi absolvido por unanimidade. O resultado favorável ao rapaz foi aclamado por grande parte do público. Dois dias depois de sua soltura, Capistrano é assassinado com três tiros pelo irmão de Júlia, Antonio Alexandre Pereira, preso após o crime. O grande público, que antes apoiava o estudante inocentado das acusações de violência sexual, passa a apoiar o seu algoz (*Gazeta de Notícias*, RJ, edições n. 319 [18/11/1876], n. 321 [20/11/1876] e n. 324 [23/11/1876]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 28/07/21).

³⁷ Argumento desenvolvido em tese em andamento: “Estratégias de divulgação e de promoção dos romances *O mulato* e *Casa de pensão*: a trajetória literária de Aluísio Azevedo”, de autoria de Garcia-Camello, na UFRJ.

se tão somente de leitura de entretenimento com temática criminal. Nesse sentido, os estudos de Ana Porto (2009) concorrem para elucidar o posicionamento avesso ao romance desses articulistas. A autora defende que os processos de criação artística utilizados por Azevedo nos três romances supramencionados são os mesmos, ou seja, os que pautavam a construção de narrativas de crimes naquele período, a partir da característica mais importante que une diferentes histórias desse gênero: a veracidade. As narrativas de crime eram bastante populares e comercialmente rentáveis.

A manobra publicitária, engendrada por Aluísio Azevedo (com seu grupo) na imprensa, foi determinante para aumentar as vendas de *Casa de pensão*, que atingiu três edições em apenas um ano, bem como redimensionar o seu sentido textual, garantindo a sua inscrição nos manuais de estudos literários nacionais como um grande romance do naturalismo. Além disso, colaborou para melhorar a posição de Aluísio Azevedo no campo literário³⁸. Contudo, o movimento publicitário “apagou” a dimensão popular (literatura de crime) do livro.

Diferentemente de Ana Porto (2009), entendemos com base nos estudos dos processos artísticos empregados pelo autor na produção de *Casa de pensão* que a obra congrega, simultaneamente, em sua composição os processos artísticos de literatura de crime (romance-folhetim) e os de literatura naturalista, de modo que não há predominância de um frente ao outro, como defendido pela autora destacada. Além disso, sustentamos que o hibridismo do romance não se constitui em um problema, conforme entende a crítica tradicional, como José Veríssimo (1963), Afrânio Coutinho (1997) e Alfredo Bosi (1970). Defendemos tal característica como uma forma legítima de fazer literatura, ainda que seja uma concessão ao mercado. Esses argumentos são discutidos de forma minuciosa em tese em andamento de Garcia-Camello.

Os rumos da casa editorial Faro & Lino e sua Livraria Contemporânea

Segundo Alessandra El Far (2004, p. 33), o profissional livreiro-editor dificilmente se fixava num único endereço ou se satisfazia com o mesmo sócio por mais de cinco anos. Havia alta rotatividade de endereços e de parceiros de negócios, com a finalidade de “encontrar um público-alvo ou de fixar um empreendimento de sucesso”. Não escapando à regra, em 25 de novembro de 1884³⁹, a *Folha Nova* anuncia os sucessores da Livraria Contemporânea. Na nova formação, o

³⁸ Ver: “Reclame e o romance naturalista *Casa de Pensão* (1883-1884) de Aluísio Azevedo (1857-1913): estratégias de promoção e divulgação”. Trabalho apresentado no XVII Congresso Internacional ABRALIC - Diálogos Transdisciplinares, Out. 2021, *no prelo*.

³⁹ *Folha Nova*, RJ, edição 731, 25/11/1884, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 15/10/22.

livreiro-editor Luiz Faro passa a contar com o senhor Silva Nunes como o seu novo parceiro no ramo. Os reclames referentes à aparição da terceira edição de *Casa de Pensão*, em 1885, por exemplo, trazem o nome do atual sócio: “Imprensa – Os Srs. Faro & Nunes acabam de publicar uma edição popular (terceira) do romance do Sr. Aluísio Azevedo, Casa de Pensão”⁴⁰; “Casa de Pensão, por Aluísio Azevedo, 3ª edição editada pelos Srs. Faro & Nunes”⁴¹.

Alessandra El Far (2004) observa que apesar do número expressivo de livrarias surgidas na capital do Império nas últimas três décadas do século XIX, poucas conseguiram se consolidar no mercado editorial. Sobre o assunto, a autora sublinha:

[...] 65 delas, ou seja, mais da metade, não chegaram aos cinco anos de vida. Cerca de dezesseis mantiveram-se no mercado entre cinco e dez anos; cinco, entre dez e quinze anos; e quatro, entre quinze e vinte anos. No decorrer desse período, oito empresas existiram por mais de trinta anos (EL FAR, 2004, p. 32).

Encorpendo as estatísticas do segundo grupo citado (ou seja, sendo uma das dezesseis livrarias que perseveraram no mercado entre cinco e dez anos), a Livraria Contemporânea de Faro & Nunes fechou as portas em 1887. Nos últimos meses do ano anterior, os sócios editores passaram a anunciar regularmente na imprensa a liquidação total de seus títulos “por preços tão baixos que o freguês só acredita depois que está na rua com os livros [...] O Faro dá aquilo quase de graça.”⁴². Ao fim da nota, o articulista lamenta o encerramento precoce do negócio: “quem diria que havia de acabar tão cedo aquela casa em que tanto se confabulava sobre coisas de artes e letras e em que se servia ao meio-dia um cafezinho bibliográfico e quente, chamando o café de Apollo!”.

Considerações finais

Até a dissolução da empresa, os editores Faro e Lino (depois Faro e Nunes) encararam as adversidades comerciais e financeiras envolvidas num momento em que o setor de livros, na capital do Império, era dominado por L. B. Garnier e pela H. Laemmert & Cia. Cumpre frisar que a casa editorial Faro & Lino trouxe ao mundo uma variedade de livros nacionais e ofereceu tantos outros títulos estrangeiros ao

⁴⁰ *Jornal do Comércio*, edição 30, 30/01/1885, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 21/09/21.

⁴¹ *Revista Ilustrada* – RJ, edição 401, 31/01/1885, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 25/09/21.

⁴² *Diário de Notícias*, RJ, edição 648, 19/03/1887, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 30/10/21.

público leitor. Isso confere aos seus editores significativo papel na vida literária do Brasil do final dos Oitocentos, uma vez que contribuíram para a produção e a circulação de livros e outros impressos, ao participarem do processo de fomento e de consolidação de um mercado livreiro no Rio de Janeiro, ainda que em menor escala quando comparados aos grandes nomes do segmento no período.

A linha editorial da Faro & Lino, com interesse maior por livros científicos e literários, pode explicar a seleção da obra naturalista *Casa de pensão* por seus editores, entendida como útil e popular/comercial. As iniciativas publicitárias dos editores (estratégias para difundir, promover, divulgar e distribuir o romance) contribuíram para o seu êxito de vendas e de crítica, bem como para colocar em evidência a obra, o seu autor e a escola naturalista no cenário midiático-cultural da época.

Talvez em função do pouco tempo de existência da empresa e por dispor de pouco capital simbólico, quase nada se preservou da memória da atuação desses profissionais no mercado editorial da época, de modo que são raras as referências à casa de Faro & Lino na historiografia. No entanto, enquanto estiveram em atividade Faro, Lino e Nunes não apenas editaram e produziram impressos, também batalharam pela literatura, para que seus livros – entre eles grandes obras nacionais e internacionais – circulassem e fossem consumidos pela sociedade brasileira de seu tempo.

GARCIA-CAMELLO, C. S. Faro & Lino, publishers of Aluísio Azevedo's work. *Itinerários*, Araraquara, n. 56, p. 21-40, jan./jun. 2023.

■ **ABSTRACT:** *Considering that the role of the publisher impacts on the meanings and functionalities of literary texts, the objective of this article is to study, based on evidence collected in the contemporary periodical press, the trajectory of Portuguese booksellers Faro & Lino, publishers of the novel Casa de Pensão (1884), by Aluísio Azevedo. In the process of editing, re-publishing, dissemination and reception of the work, a dispute of meanings comes to light, whether it was a simple crime narrative or a serious and moralizing naturalistic novel, revealing the formats it assumed in its appearances and the graphic resources (such as illustrations) used in its production and dissemination. We will address the publisher's jobs and how Faro & Lino promoted, publicized, and disseminated their collection, to show their importance in the process of fostering and consolidating a book market in nineteenth-century Rio de Janeiro. The dealers were enthusiastic about technological novelties and their editorial line was the publication of scientific and literary books, which allows us to infer the company's receptivity to the works of Aluísio Azevedo and naturalism.*

■ **KEYWORDS:** *Faro & Lino. Publishers. Book market. Naturalism. Aluísio Azevedo.*

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, A. **Uma introdução à história editorial brasileira**. Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias, v. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

_____. **Eros pedagógico: a função editor e a função autor**. Orientador: Virgílio Noya Pinto. 2001. 151f. Tese (Doutorado em Ciências de Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, SP, 2001.

_____. **Sobre o editor: notas para a sua história**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira – 43º**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa, 9ª edição. Campinas (SP): Papirus Editora, 1994.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil – Era realista era de transição**. Codireção: Eduardo de Faria Coutinho. 4ª ed., Revista e Ampliada. São Paulo: Global, 1997.

CHARTIER, R. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed., Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução: Mary del Priori. 2ª ed., Brasília: Ed. UnB, 1994.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DARNTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Os intermediários esquecidos da literatura**. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 132-145.

EL FAR, A. **Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

GLINOER, A. Os modelos da comunicação nos Estudos Literários. In: MELLO, C. M. M. & CATHARINA, P. P. F. (org.). **Metodologia e transdisciplinaridade nos estudos literários** (Coleção Novos Estudos Neolatinos 2). Rio de Janeiro: 7 Letras, 1. ed., 2022, p. 39-57.

GRANJA, L. **Um editor no espaço público:** Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 45 (3): p.1205-1216, 2016.

_____. **Entre homens e livros:** contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. Livro, São Paulo, v. 3, p. 41- 49, 2013.

GRANJA, L. & BEZERRA, V. C. **Baptiste-Louis Garnier e Louis Hachette:** contatos internacionais, direitos autorais e tradução. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 43, p. 01-26; e82393, 2023.

LAMONICA, L. C. **Filomena Borges:** romance, imprensa e política. Orientador: Orna Messer Levin. 2015. 165f. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, SP, 2015.

MENDES, L. **Livros para homens:** sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 53, p. 173-191, 2016.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário.** Tradução: A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O contexto da obra literária.** Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MÉRIAN, J. **Aluísio Azevedo:** vida e obra (1857-1913). Tradução: Claudia Poncioni. 2ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

MOLLIER, J. **O Dinheiro e as letras:** história do Capitalismo Editorial. São Paulo: Editora da USP, 2010, p. 338.

_____. Correspondência entre autor e editor, uma preciosa fonte de acesso às obras. *In:* MELLO, C. M. M. & CATHARINA, P. P. F. (org.). **Metodologia e transdisciplinaridade nos estudos literários** (Coleção Novos Estudos Neolatinos 2). Rio de Janeiro: 7 Letras, 1. ed., 2022, p. 102-123.

PORTO, A. G. **Novelas sangrentas:** literatura de crime no Brasil (1870-1920). Orientador: Sidney Chalhoub. 2009. 326f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

VERÍSSIMO, J. **História da literatura brasileira:** de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908. Introdução de Heron de Alencar. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

ANEXOS

Figura 1: ilustra o momento em que o protagonista Amâncio tem seus pertences acomodados no quarto de hóspedes pela proprietária da casa de pensão, Mme. Brizard, e por Amelinha (futura amante do rapaz).

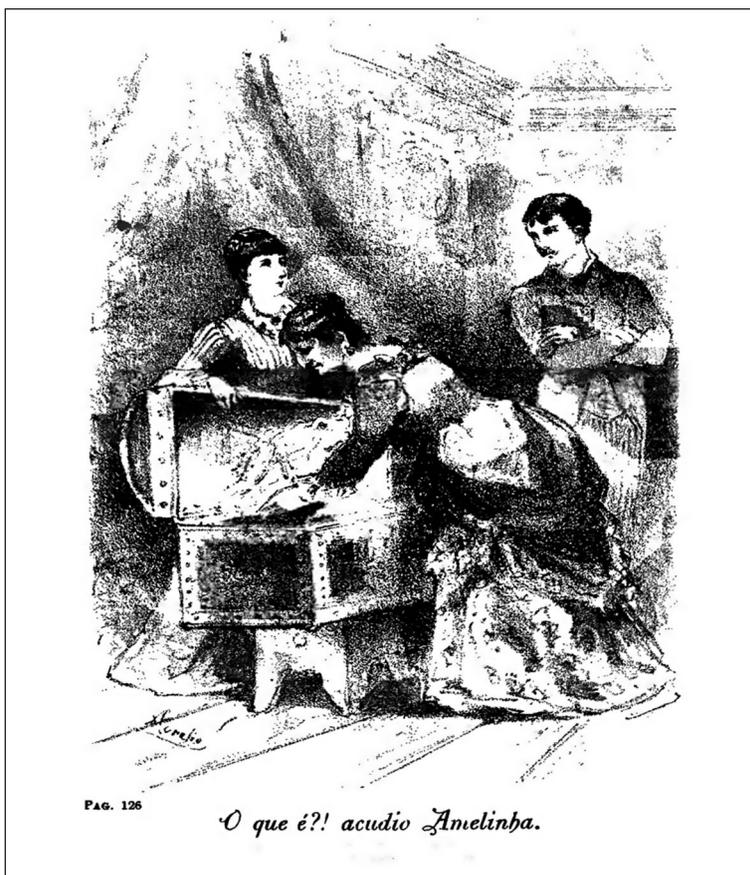


Figura 2: Capa de *Casa de pensão*, produzida por Raul Pompeia, direcionando o leitor para o sentido “pornográfico” do romance.

